

Tópicos Especiais IV:

ANTROPOLOGIA DA MIGRAÇÃO FORÇADA E DA IMOBILIDADE

- Programa de curso para o PPGA-UFF -

Prof. Leonardo Schiocchet

Data proposta: Segundo semestre de 2017

Em 2015, a Europa registrou 1.190.835 casos de primeiro pedido de asilo. Quando vastos grupos de requerentes de asilo chegaram à Europa na segunda metade do ano, a mídia, a União Europeia e muitos governos europeus rapidamente proclamaram uma “crise de refugiados na Europa”. De acordo com esta retórica, a chegada de refugiados e imigrantes representaria a suspensão da ordem política europeia e do modo de vida europeu, o que foi (e é) frequentemente pensado como um ponto sem-volta. Estaria a Europa enfrentando de fato uma crise e, caso sim, qual seria sua natureza?

Este curso busca ilustrar o amplo espectro de forças formando o fluxo contemporâneo de refugiados no mundo. Propõe colocar a chamada “crise de refugiados na Europa” em perspectiva geográfica e histórica como forma de ilustrar como a antropologia da migração forçada e da imobilidade pode ser uma ferramenta efetiva para explicar processos de migração forçada. O curso também procurará mostrar como migração forçada, ainda que com muitas correspondências, é um campo de estudos em si distinto da antropologia da migração. O curso ilustrará como, quando lidando com refugiados, requerentes de asilo, e deslocados internos, mobilidade e imobilidade são dois lados da mesma moeda, apesar da extraordinária ênfase das ciências sociais em estudos de mobilidade em detrimento da imobilidade. Neste sentido, um dos focos mais importantes do curso será pensar a mobilidade geográfica do refugiado em relação à experiência de imobilidade.

Nos últimos anos, os refugiados na Europa estão cada vez mais em evidência. Enquanto alguns destes recém-chegados registram seus pedidos de asilo, eles desafiam a ideia do que é ser europeu. Enquanto alguns defendem slogans como “a Europa é para os Europeus”, outros contestam a ideia de que ser europeu é algo definido pela cor da pele ou etnicidade, ecoando o caráter cívico de princípios europeus de cidadania e estado. Este debate está marcado pelo foco

na ideia elusiva de “integração”, tanto como fenômeno cultural (ou sua ausência) quanto como um termo incorporado a discursos, práticas e mecanismos legais e governamentais. Tal conceito, entretanto, pressupõe um encontro desigual, onde o elemento a ser integrado deve ser modificado até ser incorporado no elemento integrador. Na prática, essa relação de poder se desenvolve através de mecanismos e práticas disciplinares e de exercício de força coercitiva material e simbólica. Para entender a situação de imigrantes forçados, assim, devemos antes de tudo conhecer os processos que levaram ao seu deslocamento e expropriação, e não circunscrever a existência destes sujeitos ao momento em que chegaram em território estrangeiro. E, para tanto, devemos nos voltar ao sul global.

Questionando a chamada crise de refugiados na Europa surgem vários temas transversais essenciais. Por exemplo, se não na Europa, então onde estaria a maioria dos refugiados e campos de refugiados no mundo? De acordo com a antropóloga Dawn Chatty, em 1975 a UNHCR estimou o número total de migrantes forçados e deslocados internos no mundo em 2,5 milhões, enquanto que em 2013 este número disparou para 40 milhões. A maioria destes, cerca de 16 milhões de pessoas, estão localizadas no Oriente Médio e apenas uma minoria na Europa (Syria Today, January 5, 2015). Se a Europa não se encontra à beira de um estado de exceção, então seria o campo de refugiados um espaço de exceção tal como postulou Michel Agier (2008)? Ou ainda, deveríamos entender o campo de refugiados como uma espécie de cidade ou fortaleza em si? Qual é a diferença entre um refugiado, um deslocado interno, um requerente de asilo, e um imigrante? Como entender casos de refúgio prolongado, como o palestino, se a própria essência do conceito de refugiado é seu caráter eminentemente transiente? Qual é o papel do humanitarismo e dos atores humanitários vis-à-vis estados de acolhida e o que Liisa Malkki (1995) chama de “a ordem nacional do mundo”?

Este curso é marcado por uma perspectiva pós-colonial que realça a inseparabilidade de processos sócio-históricos e políticos conectando a Eurásia e África e estes ao mundo como um todo. Será responsabilidade dos alunos constantemente reconectar a América Latina a esta realidade mais ampla, partindo de conhecimento (incorporado e refletido) de uma realidade familiar engajando outras distintas, para então ganhar perspectiva sobre esta realidade familiar. Entende-se que este exercício recapitula os principais objetivos e métodos da antropologia e que os alunos, ao se engajar neste exercício, aprenderão antropologia através da prática antropológica.

Bibliografia:

Agier, Michel. 2008. **On the Margins of the World: The Refugee Experience Today.** Cambridge: Polity Press.

Berg, Metter Louise. 2011. **Diasporic Generations: Memory, Politics, and Nation among Cubans in Spain.** New York: Berghahn.

Brettell, Caroline and Hollifield, James. 2015. **Migration Theory: Talking Across Disciplines.** New York: Routledge.

Chatty, Dawn. 2014. *Anthropology and Forced Migration.* In Fiddian-Qasmiyeh, Elena; Loescher, Gil; Long, Katy; Sigona, Nando (eds.) **The Oxford Handbook of Refugee & Forced Migration Studies.** Oxford: Oxford University Press, pp. 74-85.

Colson, Elizabeth. 2003. *Forced Migration and the Anthropological Response.* **Journal of Refugee Studies**, Vol. 16, No. 1 2003, pp 1-18.

Fiddian-Qasmiyeh, Elena; Loescher, Gil; Long, Katy; Sigona, Nando. 2014. *Introduction: Refugee and forced Migration Studies in Transition.* In Fiddian-Qasmiyeh, Elena; Loescher, Gil; Long, Katy; Sigona, Nando (eds.) **The Oxford Handbook of Refugee & Forced Migration Studies.** Oxford: Oxford University Press, pp 01-22.

Malkki, Liisa. 1995. **Purity and Exile: Violence, Memory, and National Cosmology among the Hutu Refugees in Tanzania.** Chicago: University of Chicago Press.

Salazar, Noel & Smart, Alan. 2011. *Introduction. Identities: Global Studies in culture and Power.* Vol. 18, No. 6, 2011. Salazar, Noel & Smart, Alan (eds.), *Anthropological Takes on (Im)Mobility*, pp: I-IX.

Schiocchet, Leonardo. 2017. *The Middle East and its Refugees.* In Fartacek, Gebhard & Binder, Susanne. (Eds). **Facetten von Flucht aus dem Nahen und Mittleren Osten.** Vienna: Facultas-Verlags.

Schiocchet, Leonardo. 2016. *On the Brink of a State of Exception? Austria, Europe, and the Refugee Crisis*. **Critique and Humanism**. Vol. 46, no. 2 (2016): 211-248.

Strathern, Marilyn. 2004. *Working Paper One: Knowledge on its Travels: Dispersal and Divergence in the Make-up of Communities; Working Paper Two: Commons and Borderlands*. **In Commons and Borderlands: Working Papers on Interdisciplinarity, Accountability and the Flow of Knowledge**. Oxon: Sean Kingston Publishing.

Verdirame, Gugliermo & Harrel-Bond, Barbara. 2005. **Rights in Exile: Janus-Faced Humanitarianism**. Oxford: Berghahn Books.

Dinâmica das aulas:

Cada aula começará com uma rodada de primeiras impressões sobre os textos a serem discutidos, seguida da apresentação dos textos em si e por fim o debate mediado pelo professor. Cada aluno deverá apresentar pelo menos um texto ao decorrer do curso, sendo que voluntários apresentarão outros e o restante dos textos será apresentado pelo professor. Quando um texto for apresentado por um aluno, o professor apresentará suas próprias reflexões antes de iniciar o debate.

As aulas terão a duração de 4 horas, contando com uma pausa de 15 minutos depois das primeiras duas horas de aula.

A presença em sala é obrigatória.

Avaliação:

Os alunos serão avaliados pela apresentação de textos em aula, sendo que aqueles que apresentarem mais de um texto ganharão pontos extras na nota final.

Por fim, 6 semanas após o fim do curso, os alunos deverão submeter um paper sobre um tema que escolheu sob direção do professor. Durante estas 6 semanas, os alunos terão duas reuniões com o professor, de 3 horas cada, para discutir a execução de seus trabalhos finais, via Skype.

O paper terá peso 7/10. A apresentação obrigatória de textos, peso 3/10, sendo que cada apresentação voluntária potencialmente adicionará mais 1/10 ponto extra (para além dos 10/10 total entre apresentação obrigatória e paper) até o máximo de 2 pontos extras na nota final.

Por fim, cada ausência não justificada do aluno representará -1 ponto na nota final até o máximo de -3 pontos.